

PAULO VELLINHO

**"A verdadeira pátria é aquela onde encontramos o maior número de pessoas que se nos assemelham"**

Stendhal

O retrato do Brasil que o novo presidente da República terá sobre sua mesa de trabalho, em março, vem sendo pintado de muitas maneiras. Variam apenas os estilos; as cores, não: insiste-se, abusa-se do tom sombrio — um retrato em preto e branco, impiedoso carregado de angústia.

Não é raro o pintor apocalíptico: aquele que vê o país à beira da inevitável explosão social.

Não me incluo entre os mais pessimistas, mas devo reconhecer em muitos desses retratos o rosto irretocável da realidade. Alias, gostaria também de pintar o meu, para poder contribuir, modestamente com algumas reflexões para o futuro.

De fato, o Brasil está hoje mergulhado na mais profunda crise de sua História contemporânea — uma crise somente comparável, segundo alguns, à da Regência, logo após a abdicação do imperador Pedro I. O Brasil de 1990 — esse que o novo presidente receberá — é a oitava economia do mundo capitalista. Mas é também um país de terríveis problemas econômicos e sociais. Nosso nível de desenvolvimento industrial pode ser considerado importante, se comparado ao dos demais países da América Latina e aos da África. Mas, no conjunto, estamos ficando para trás. Com um potencial para pelo menos chegar perto das nações mais desenvolvidas, o Bra-

sil, nos anos 80, praticamente parou. Sua economia estagnou, depois de um considerável crescimento nos anos 70. Seu parque industrial, em grande parte, ameaça tornar-se obsoleto. Os avanços tecnológicos foram insignificantes. Enfim, o Brasil está a um passo de se tornar sócio vitalício do clube dos países mais atrasados. Na perspectiva histórica, a década que está prestes a findar foi, rigorosamente, uma década perdida.

**A injusta distribuição de renda é a vergonha das elites**

O atraso é industrial e social. Há hoje no Brasil 30 milhões de analfabetos, nossa renda por habitante é a 74ª numa lista de 129 países e a expectativa de vida do brasileiro é dez anos inferior à dos norte-americanos e inferior 13 anos à dos japoneses. Mais de 65% dos que foram às urnas no primeiro turno da eleição presidencial — uma eleição que estaremos completando dentro de alguns dias — sobrevivem, milagrosamente, com um quarto de salário mínimo. Ou com meio salário mínimo. As grandes cidades estão inchadas pelas levas de retirantes tangidos pela impiedade das secas periódicas, ou pela falta de trabalho nos campos. A injusta distribuição de renda é uma chaga a envergonhar as nossas elites.

E a dívida externa, que é a maior do mundo?

E a ciclópica dívida interna, dificilmente resgatável, a não ser que o governo se disponha a estancá-la, mercê de uma cuidadosa gestão dos recursos públicos.

O Brasil, como se vê, não pode perder mais nenhum trem da História. Já perdeu um no século passado, como lembra o sociólogo Hélio Jaguaribe, quando da revo-

lução industrial arremessou para a frente um vasto pedaço do globo e, aqui, em vez de máquinas, tínhamos escravos. Perdeu outro neste século, ao ficar tanto tempo estacionado como um País agrícola, enquanto em outros países se erguiam fábricas. E corre agora o risco de perder o último comboio para o século XXI, o século da supertecnologia.

Não é preciso dizer mais para demonstrar o quanto serão ingentes as tarefas do novo presidente da República e de sua equipe de governo.

O novo governo terá de enfrentar, de um lado, a ameaça da hiperinflação. Do outro, uma estrutura minada pelo gigantismo do Estado, pelo câncer do déficit público, pela perda do passo na corrida que leva à modernização e, conseqüentemente, pela quase paralisação da economia.

Mas será essa uma tarefa somente sua? Evidentemente que não. Será a **sociedade inteira, do primeiro ao último cidadão**, que terá de assumir com o novo governo um compromisso de sacrifício. O novo presidente, eleito — o primeiro em nossa História política — pela maioria absoluta dos brasileiros, terá mesmo, alguém já disse, de respaldo na sua legitimidade, exibir fôlego de empreendedor, capaz de mobilizar a sociedade para uma dura e ampla revisão.

O combate à inflação, principalmente, exigirá o sacrifício de todos. Se o novo presidente não conseguir revertê-la num prazo de 90 dias, aí, sim, estaremos correndo o risco da subversão social. E somente domada a inflação é que o País poderá pensar na retomada de seu crescimento. Nesse novo quadro, o empresariado brasileiro deverá se preparar para corrigir os rumos do nosso capitalismo. O capitalismo obsoleto, sem riscos e sem capital — o paraíso das reservas de mercado — terá de dar lugar a um capitalismo moderno, realmente equipado para a competição.

O retorno às urnas, depois de quase 30 anos de jejum da cidadania, não servirá, por si só, para virar todas as páginas repletas de distorções econômicas, políticas e sociais de nossa História. Não, essas páginas terão de ser revistas pelos autores da reconstrução, que, certamente, começará na nova década. E a História da nova década jamais poderá ser escrita apenas pelo governo.

□ Paulo Vellinho é presidente da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee) e do Sindicato da Indústria de Aparelhos Elétricos, Eletrônicos e Similares do Estado de São Paulo (Sinaees).

